

# PRECISAMOS DE UM DEBATE VERDADEIRO SOBRE A GUERRA NA UCRÂNIA

Por Katrina vanden Heuvel\*



Pixabay.

*Os que falam de história e contextualizam o papel do Ocidente na tragédia da Ucrânia não estão desculpando o ataque criminoso da Rússia. Não seria mais saudável explorar mais pontos de vista, história e contexto, ao invés de buscar apenas “viés de confirmação”?*

**É** hora de desafiar a visão ortodoxa sobre a guerra na Ucrânia.

À medida que o ataque ilegal e brutal da Rússia entra no quarto mês, o impacto na Europa, no Sul Global e no mundo já é profundo. Estamos testemunhando o surgimento de uma nova ordem mundial político/militar.

A ação climática está sendo deixada de lado à medida que a dependência de combustíveis fósseis aumenta; a [escassez de alimentos](#) e outras demandas de recursos estão elevando os preços e causando fome global generalizada; e a [crise mundial de refugiados](#) – com mais refugiados internacionais e pessoas deslocadas internamente do que em qualquer momento desde o fim da Segunda Guerra Mundial – representa um enorme desafio.

Além disso, quanto mais prolongada a guerra na Ucrânia, maior é o risco de um acidente ou incidente nuclear. E com a estratégia do governo Joe Biden de “enfraquecer” a Rússia com a escalada de carregamentos de armas, incluindo mísseis antinavio, e revelações de assistência de inteligência dos EUA à Ucrânia,

fica claro que os Estados Unidos e a Organização do Tratado do Atlântico Norte estão em uma guerra por procuração com a Rússia.

As ramificações, perigos e custos multifacetados dessa guerra por procuração não deveriam ser um tópico central da cobertura da mídia, bem como da análise, discussão e debate informados? No entanto, o que temos na mídia e no *establishment* político dos EUA é, na maior parte, uma discussão e debate público unilateral, até mesmo inexistente. É como se vivêssemos com o que o jornalista Matt Taibbi chamou de “[zona de exclusão aérea intelectual](#)”.

Aqueles que se afastaram da linha ortodoxa sobre a Ucrânia são regularmente excluídos ou marginalizados – com certeza raramente vistos – na grande mídia corporativa. O resultado é que visões e vozes alternativas e contrárias parecem inexistentes. Não seria saudável ter mais diversidade de pontos de vista, história e contexto em vez de “viés de confirmação”?

Aqueles que falam de história e oferecem contexto sobre o papel precipitante do Ocidente na tragédia da Ucrânia não estão desculpando o ataque criminoso da Rússia.

É uma medida desse pensamento e da zona de exclusão aérea retórica ou intelectual, que figuras proeminentes como Noam Chomsky, o professor da Universidade de Chicago John Mearsheimer e o ex-embaixador dos EUA Chas Freeman, entre outros, tenham sido demonizados ou caluniados por levantar argumentos e fornecer contexto e história muito necessários para explicar o pano de fundo desta guerra.

Na frágil democracia americana, o custo da dissidência é comparativamente baixo. Por que, então, não há mais indivíduos nos *think tanks* ou na academia, na mídia ou na política desafiando a narrativa política-mídia ortodoxa dos EUA?

Não vale a pena perguntar se enviar cada vez mais armas aos ucranianos é o caminho mais sábio? É demais pedir mais questionamentos e discussões sobre a melhor forma de diminuir o perigo de um conflito nuclear?

Por que os não-conformistas são difamados por notar, até mesmo reforçados com fatos e história respeitáveis, o [papel das forças nacionalistas, de extrema-direita e, sim, neonazistas](#) na Ucrânia? O [revivalismo fascista ou neonazista](#) é um fator tóxico em muitos países hoje, desde nações europeias até os Estados Unidos. Por que a história da Ucrânia é frequentemente ignorada, até mesmo negada?

Enquanto isso, como observou um ex-general do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, “a guerra é uma raquete”\*. Os conglomerados de armas dos EUA estão fazendo fila para comer no cocho. Antes que a guerra termine, muitos ucranianos e russos morrerão enquanto Raytheon, Lockheed Martin e Northrop Grumman [fazem fortunas](#). Ao mesmo tempo, os noticiários das redes e da TV a cabo dos EUA estão repletos de [especialistas e “peritos”](#) – ou mais precisamente, oficiais

---

\*O major-general Smedley Darlington Butler, do US Marine Corps, foi um crítico do aventureirismo militar americano e, até o momento da sua morte, o fuzileiro mais condecorado da história dos Estados Unidos.

militares que se tornaram consultores – cujos empregos e clientes atuais não são divulgados aos telespectadores.

O que é muito pouco mostrado nas TVs ou telas da Internet dos americanos, ou no Congresso dos EUA, são visões alternativas – vozes de contenção, que discordam da tendência de ver o compromisso nas negociações como apaziguamento, que buscam uma diplomacia persistente e dura para alcançar um cessar-fogo efetivo e uma resolução negociada, destinada a garantir que a Ucrânia emerja como um país soberano, independente, reconstruído e próspero.

“Diga-me como isso termina”, perguntou o general David Petraeus ao escritor do Washington Post, Rick Atkinson, alguns meses depois do início da guerra no Iraque, que durou quase uma década. Pôr fim à guerra atual exigirá novos pensamentos e desafios às ortodoxias desta época.

Como [observou certa vez](#) o venerável jornalista americano Walter Lippmann: “Quando todos pensam da mesma forma, ninguém pensa muito”.

*Este artigo foi produzido pela [Globetrotter](#).*

---

*\***Katrina vanden Heuvel** é diretora editorial e editora da Nation e presidente do Comitê Americano para o Acordo EUA-Rússia (ACURA). Ela escreve uma coluna semanal no The Washington Post e é comentarista de política internacional e dos EUA para o Democracy Now, PBS, ABC, MSNBC e CNN.*

---